

As representações sociais da morte: um estudo com educadores de infância

Ana Paula Sena, ISPA – Instituto Universitário, psena28@hotmail.com

Resumo: A natureza da morte, bem como a própria realidade do morrer, remetem para a estruturação da própria vida, modela o significado das nossas vivências assim como das relações sociais. Atualmente o contexto sócio cultural em que a morte é apresentada, exige que, do ponto de vista educativo, este tema seja abordado e enquadrado na escola numa perspetiva multidisciplinar e globalizante de forma a ajudar as crianças a enfrentarem os seus medos face à morte e ao desconhecido. Assim sendo, os profissionais de educação no geral e os educadores de infância em particular têm de estar preparados para tal.

Esta comunicação centra-se nas representações que os educadores de infância têm sobre a temática da morte e pretende fazer uma caracterização dessas mesmas representações. Foram aplicadas Escalas Breves sobre Diversas Perspetivas da Morte, Oliveira e Neto (2004), a todos os educadores do concelho de Almada (220), as quais nos permitiram constatar um quadro bastante abrangente de representações face à morte. Concluiu-se que as dimensões que as escalas permitem avaliar e que mais se evidenciam se apresentam pela seguinte ordem: morte como desconhecido, fim natural, vida além, coragem, fracasso, sofrimento, abandono com culpabilização e por fim a indiferença. Verificamos também a existência de diferenças estatísticas interessantes entre as diferentes dimensões, e a faixa etária.

Palavras-chave: Representações, morte, educação

Introdução

Falar da morte, bem como do morrer, remete para a construção plena do significado da vida. Modela portanto o sentido das nossas vivências assim como das relações sociais. Savater (1999), a propósito da morte, refere de forma recorrente, que a morte lhe entrou pela mente adentro quando tinha dez anos e até hoje assume que a perceção da morte, no seu caso, foi a primeira revelação acerca da vida, que lhe permitiu a primeira experiência intelectual. “(...) a experiência da morte não só deixa qualquer um pensativo, como o torna pensador” (p.31). Esta tomada de consciência da finitude, e da sua iminência independentemente da idade, faz-nos viver mais intensamente a dimensão humana; encetamos projetos, delimitamos metas, vivemos amores, desamores, separações e perdas. Solidarizamo-nos incompatibilizamo-nos, filiamo-nos reformulamo-nos, enfim.... Crescemos. “Crescemos quando a ideia da morte

cresce dentro de nós. Por outro lado, a certeza pessoal da morte humaniza-nos isto é, transforma-nos em verdadeiros humanos, em «mortais» (p.31).

Kubler-Ross, em meados dos anos 60, aborda a temática da morte com a constatação da existência de uma negação social da morte e considera ser esta uma área de estudo com pertinência social. Kovács (1992), em *Morte e Desenvolvimento Humano*, apresenta um conjunto de estudos de diferentes investigadores, Nagy (1948), Koocher (1974), Speece, Brent (1984) e Torres (1979), que assentam basicamente na perceção ou na forma como as crianças lidam com o conceito de morte, nomeadamente quanto à relação existente entre esta perceção e o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra. Os resultados permitem perceber que existem aspetos importantes a reter: no período pré-operatório as crianças não percebem a morte como definitiva e irreversível e no período operatório a criança já começa a perceber a irreversibilidade da morte mas ainda não entende a causalidade; apenas no período das operações formais a criança reconhece o significado da morte na sua globalidade. Por outro lado, na atualidade autores como Viorst (2002), Holland (2001, 2007) consideram que sempre que ocorre uma morte as crianças precisam de saber o que aconteceu, através de uma linguagem simples e apropriada à idade e de um adulto com uma atitude disponível para ouvir e esclarecer. A este propósito, Viorst (2002), adianta, “ Uma perda na infância pode dificultar futuros encontros com a separação e a perda” (p.261). Mallon (2002), considera ainda que: “aprender a aceitar a morte é uma das lições mais importantes que uma criança tem de aprender na vida. A preparação para a morte acontece geralmente muito antes de uma pessoa ter de enfrentar a morte de um ser amado” (p.13). Segundo esta autora o Educador deve recorrer a diversos meios para a criança perceber a morte como parte integrante da vida e poder encará-la como uma adversidade que se pode ultrapassar. Em 2003, Kovács preconiza uma necessidade, no futuro, se efectuar uma

abordagem do tema da morte nas escolas; esta abordagem deverá prever, necessariamente, uma adequada preparação dos educadores de infância. Neste sentido, Kovács publica uma obra de grande relevo: *Educação para a Morte: Desafios na Formação de Profissionais de Saúde e Educação*. A este propósito, Oliveira (2002, p.162) refere: “A aceitação da morte constitui, certamente, um dos maiores sinais de maturidade humana, daí a necessidade de uma educação para a morte, duma *arsmoriendi*, porque a morte, paradoxalmente, pode ensinar a viver”. Nesta linha de investigação, entre outros, predominam trabalhos de Feifel (1955, 1977, 1982), que escreveu o clássico *The meaning of death* (1959), Worden (1996), Kastenbaum (1972), Wass (1984, 2004), Neimeyer (1994, 2007), Agustin (2000, 2008), Barros (2004, 2007) Oliveira (1999, 2007) e Barbosa (2010).

Atualmente, tendo em conta o contexto sócio cultural em que a morte é apresentada à criança, torna-se necessário que, do ponto de vista educativo, este tema seja abordado e enquadrado na escola numa perspetiva multidisciplinar e globalizante, de forma a ajudar as crianças a enfrentarem os seus medos face à morte e ao desconhecido. Consideramos, portanto, que os profissionais de educação, no geral, e os educadores de infância em particular, têm de estar preparados para abordar o tema e promover espaços de escuta e reflexão; desta forma estarão a abrir canais de comunicação entre a criança e a escola, nos quais a afetividade e os aspetos emocionais da vida da criança possam ser contemplados e partilhados, sempre que a situação o exija. Nóvoa (1992), refere que ser educador é possuir a capacidade de mobilizar competências para se adaptar a novas situações e desafios; estes desafios promovem o desenvolvimento profissional de forma autónoma e intencional como um crescendo constante de atualizações e de promoção de novas competências que extravasam o currículo oficial, que, cada vez mais tem de adaptar-se à realidade circunstancial. O educador de infância é, assim, confrontado no seu quotidiano com vivências

personais e coletivas que exigem da sua parte uma constante desconstrução e descentração do saber instituído para que possa promover a qualidade da ação pedagógica, mas também pela busca do reconhecimento do seu valor enquanto profissional.

Esta comunicação enquadra-se no âmbito de uma investigação mais vasta, ligada à educação de infância e à formação dos seus agentes educativos; este trabalho pretende clarificar algumas questões relacionadas com a problemática da morte, concretamente uma primeira abordagem às representações que os educadores de infância têm sobre a morte.

Método

Atualmente, e como resultado da própria investigação em contextos educativos, cada vez mais se caminha para uma abordagem de investigação que, em função do problema em estudo, se socorre de múltiplos métodos para uma mesma investigação (Bogdan & Biklen, 1994). Por seu turno Yin (2006) e (Creswell&Clark, 2007) consideram que a abordagem mista pode e deve ser aplicada em um único estudo, desde que as diferentes técnicas de recolha de dados se adequem ao problema em estudo e concorram para a convergência e clareza dos resultados.

Neste trabalho iremos recorrer a uma metodologia de investigação com uma abordagem quantitativa cujo instrumento de recolha de dados se constitui como um processo sistemático de recolha de dados observáveis e quantificáveis; pretende-se assim, caracterizar as representações sociais que os educadores de infância do concelho de Almada têm acerca da morte.

Participantes

A nossa amostra é constituída por 220 educadores de infância com idades compreendidas entre os 20 e 58 anos. Assim sendo, e a fim de existir equilíbrio entre a

amostra, construímos três grupos com três intervalos de idade. A distribuição foi feita da seguinte forma: 20-30 anos; (grupo 1), 31-40 anos; (grupo 2) e mais de 40 anos, (grupo 3).

Instrumentos

Atendendo ao tipo de estudo que pretendíamos realizar optámos pela aplicação das Escalas Breves sobre Diversas Perspectivas da Morte, tendo por base as Death Perspective Scales de Spilka, Shout, Minton e Sizemore (1977).

Oliveira e Neto (2004), procederam ao estudo das características psicométricas, a fim de validarem esta escala para a população portuguesa. A escala é constituída por oito subescalas; morte como sofrimento; morte como vida além; morte como indiferença; morte como desconhecido; morte como abandono e culpabilização, morte como coragem, morte como fracasso e morte como fim natural. Ao nível da consistência interna, verificaram que o coeficiente alfa de Cronbach, apresentou os seguintes valores, respetivamente do primeiro ao oitavo fator: .83, .94, .84, .86, .83, .83, .87, .78. Podemos constatar que são valores elevados considerando que se trata de escalas breves. Quanto às correlações das oito subescalas entre si, assiste-se a correlações significativas, dando a entender que se trata de atitudes parecidas frente à morte mas não idênticas. Verificaram igualmente bastantes correlações entre estas oitos subescalas e outras que avaliam constructos próximos. Esta escala foi considerada um instrumento útil para avaliar um quadro bastante abrangente de representações face à morte.

Procedimento

Como procedimento inicial foi solicitado aos organismos oficiais, Câmara Municipal de Almada, Departamento de Educação, e Centro Regional de Segurança Social e Vale do Tejo, a indicação dos equipamentos para a infância com resposta educativa ao nível do ensino pré-

escolar. Obtivemos informação da existência de 91 equipamentos e de sensivelmente 220 educadoras de infância. Posteriormente, foram contactados os responsáveis pelos equipamentos a fim de serem informados do projeto em curso e para a obtenção de autorização para a recolha de dados.

Os instrumentos de recolha de dados foram aplicados entre janeiro e março de 2012.

Das 220 escalas entregues obtiveram-se 177 respostas.

Apresentação e discussão dos resultados

No estudo aqui apresentado pretendemos mapear as representações da morte em educadores de infância do concelho de Almada de forma a fazer uma caracterização dessas mesmas representações neste grupo profissional. Para o tratamento de dados, a escala de atitudes será tratada estatisticamente com a ajuda do SPSS-Statistical Package for the Social Sciences, versão 19.

Foi realizada uma estatística descritiva simples, a fim de encontrarmos em termos de média a ordem em que as subescalas se apresentam e um teste de comparação de médias de mais de dois grupos (One –Way Anova). Paralelamente foi realizado um estudo correlacional não paramétrico (Pearson) para averiguarmos as correlações existentes entre as subescalas e entre as subescalas e a variável idade dos respondentes. A fim de confirmarmos os dados obtidos e tentar localizar diferenças através de técnicas de comparações múltiplas utilizamos ainda os métodos de Tukey, Scheffé, Bonferroni.

A Primeira análise realizada, consistiu na verificação da consistência interna da nossa amostra através do alfa de Cronbach. Verificou-se que as oito subescalas que constituem a escala de Escalas Breves sobre Diversas Perspetivas da Morte, apresentam os seguintes valores relativamente à sua ordem: .75; .93; .77; .86; .80; .87; .85; .77. Constatamos que os

valores da média e mediana são bastante próximos e os valores de coeficiente de assimetria e curtose estão próximos da unidade em cada uma das sub escalas que constituem as Escalas Breves sobre Diversas Perspetivas da Morte.

Em termos de médias, conforme (Quadro1) as subescalas com valores mais elevados apresentam-se pela seguinte ordem: morte como desconhecido (27,18), morte como fim natural (20,88), morte como vida além (17,37), morte como coragem (16,66). Quanto à morte como fracasso, sofrimento, abandono com culpabilização e indiferença, situam-se todas abaixo dos 15%.

Quadro 1: Estatística descritiva das diferentes perspetivas da morte.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Sufrimento	177	6,00	29,00	13,5	5,43449
Vida além	177	6,00	36,00	17,4	7,95420
Indiferença	177	5,00	28,00	13,2	5,53886
Desconhecido	177	6,00	36,00	27,2	7,25699
Abandono	177	5,00	30,00	13,4	5,94918
Coragem	177	6,00	34,00	16,7	6,92232
Fracasso	177	5,00	30,00	13,7	5,88678
Fim natural	177	6,00	24,00	20,9	3,70082

Realizou-se ainda a análise de correlação r de Pearson, cujos resultados não revelam correlações significativas entre as diferentes perspetivas de morte.

Relativamente à diferença de médias das dimensões da morte em função da idade, os resultados revelam duas diferenças significativas: vida além, ($F(2;174) = 7.184, p = 0.01$) e fracasso, ($F(2;174) = 6.898, p = 0.01$). Ou seja, conforme podemos ver na figura 2, relativamente à subescala de morte como vida além, os sujeitos que compõem o (grupo 3), de mais de 40 anos, apresentam, em termos médios, um valor superior aos sujeitos do (grupo 1),

entre os 20 e 30 anos, apresentando-se em extremos opostos. Relativamente à subescala de morte como fracasso, a tendência destes dois grupos mantém-se. No entanto, é o (grupo 2), entre os 31 e os 40 anos, que, pontuam mais acima.

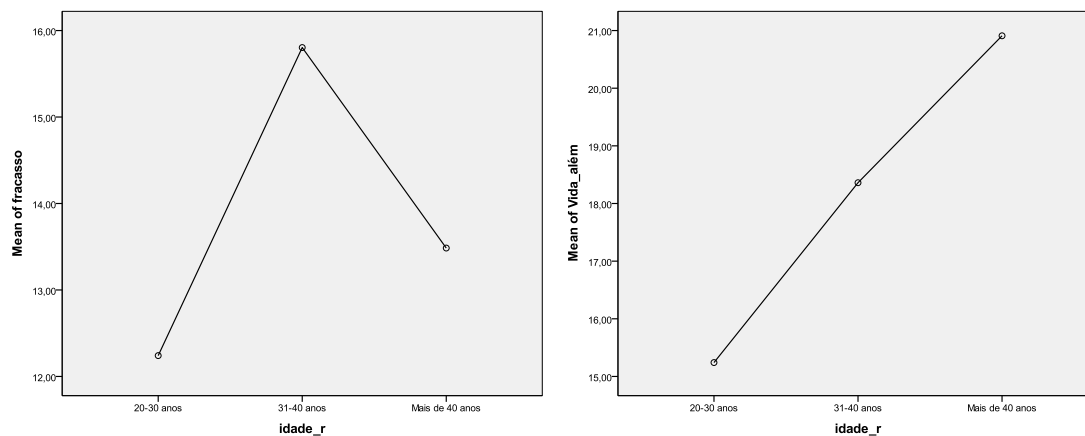


Figura 1: Diferença de médias das dimensões da morte em função da idade.

Quanto à subescala de morte como indiferença e morte como abandono, figura 2, não existe estatisticamente uma diferença significativa. No entanto, é curioso constatar que os sujeitos que compõem o (grupo 3), de mais de 40 anos, apresentam, em termos médios, um valor superior aos sujeitos do (grupo 1), entre os 20 e 30 anos, apresentando-se em extremos opostos. Quanto ao (grupo 2), entre 20 e 30 anos, apresentam uma média superior a todos os outros nesta dimensão da morte.

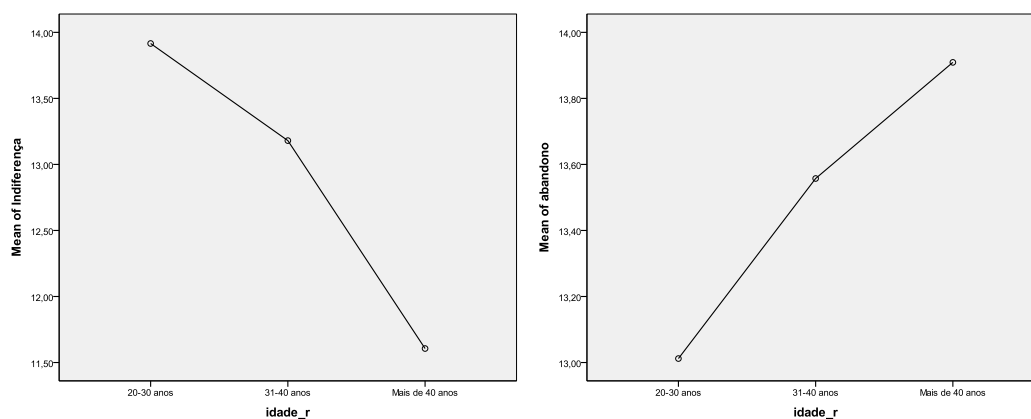


Figura 2: Diferença de médias das dimensões da morte em função da idade.

Curiosamente ao fazermos uma leitura transversal, tendo em conta as diferentes dimensões da escala e as diferentes distribuições de grupo por faixa etária, Quadro 2, é interessante verificar que, independentemente da faixa etária, os três grupos em estudo apresentam valores mais elevados e próximos na subescala de morte como desconhecido, morte como fim natural; o grupo 2 e 3, pontuam mais a subescala de morte como vida além e o grupo 1, pontua mais a subescala de morte como coragem. Complementarmente podemos ainda constatar que o grupo 2 e 3, referentes ao grupo entre os 31 e 40 anos e mais de 40 anos respetivamente, são os que sentem mais intensamente a morte como fracasso e morte como abandono e culpabilização dos que dependem de nós.

Quadro 2: Média das dimensões da morte em função da faixa etária.

	Morte como desconhecido	Morte como fim natural	Morte como vida além	Morte como coragem	Morte como fracasso	Morte como abandono
20-30	27.97	20.81	15,24	17.57	12.24	13.01
31-40	26.32	20.42	18.36	15.65	15.80	13.55
>40	26.78	21.84	20.91	16.21	13.48	13,90

Estes resultados vão ao encontro de estudos com idosos levados a cabo por Feifel (1981), que tentou perceber os níveis de ansiedade relacionados com a morte. Na generalidade, os resultados obtidos demonstram que os idosos experienciam níveis de medo mais baixos que os jovens. No nosso estudo, é interessante verificar que é o grupo de mais de 40 que manifesta esta mesma atitude face à morte: pontuam 21.48% na subescala da morte como fim natural. Salientamos ainda que outros investigadores encontraram resultados idênticos (Kastenbaum&Aisenberg, 1972) e (Oliveira 1998). Por outro lado, Neimeyer (1994) em investigações ligadas à relação entre idade, ansiedade e medo da morte, de forma mais explícita, considerou existir uma diminuição linear entre as duas variáveis. Ainda

relativamente à variável idade, é interessante verificar que as dimensões que apresentam valores mais significativos, em termos médios, são as mesmas para os três grupos (ver Quadro 2), sendo a subescala de morte como desconhecido a mais pontuada. A propósito (Feife&Nagy1981) defendem que o medo da morte, mais ou menos natural ou aprendido, é um medo de que poucos se podem considerar imunes, (Bwolby,1998), considerava que a morte seria a ameaça extrema da vinculação partilhada entre duas pessoas. “ (...) Enquanto a maioria dos adultos sabe que pode sobreviver sem a presença mais ou menos constante de uma figura de apego, as crianças não têm essa experiência” (p.304). Por outro lado, (Hennezel, 2006 p.122) refere que “sejam quais forem as nossas crenças, a morte permanece um enigma que nos persegue, uma realidade que desconhecemos (...) É um tema sagrado, um tremendumsacrum, face ao qual não há outra saída para o homem senão abandonar-se com confiança, mesmo não compreendendo”.

Quanto à ideia da morte como fracasso e culpabilidade que predomina nos grupos 2 e 3, entre os 31 e 40 anos e mais de 40 anos, podemos considerar que é uma faixa etária em que normalmente se situam as famílias que já se constituíram e que têm filhos ainda ao seu cuidado, portanto dependentes. Por outro lado, esta ideia pode ainda estar relacionada com a experiência de vida, já acumulada e pela tomada de consciência da impotência do ser humano face a diversas circunstâncias e adversidades da vida, nomeadamente a morte. Ainda assim, é também de salientar que dado que nos encontramos numa sociedade de religião judaico-cristã, os nossos dados parecem também ir ao encontro de alguns estudos feitos por Feifel (1959) e mais recentemente Neimeyer (2007); estes dados demonstram que a morte pode ser sentida como castigo o que implica culpabilização e sofrimento.

Conclusão

Em síntese e tendo em conta o exposto, podemos considerar que, para a população em estudo, a morte é sentida como algo desconhecido e simultaneamente natural, que desperta sentimentos de incerteza e angústia, variando a sua aceitação, conforme o ciclo de vida do sujeito.

Dewey (1997), defende a conceção que a aprendizagem é feita tendo em conta as experiências do sujeito e que estas compreendem aspetos cognitivos, afetivos e sociais. Esta perspetiva, é reflexo de uma reconceptualização do ensino e das novas conceções de aprendizagem que ancoram numa perspetiva mais social, a qual defende que, os diferentes contextos em que o individuo se socializa geram aprendizagens e que estas ocorrem ao longo da vida. Desta forma, abandona-se a dicotomia entre aprendizagem escolar e a aprendizagem feita ao longo da vida e destrona-se a soberania dos conteúdos em detrimento dos contextos. Privilegia-se a noção de complementaridade como um desafio da educação no futuro. Na atualidade, com a integração do processo de Bolonha, parece-nos oportuno repensar a formação do Educador de Infância neste novo contexto e paradigma de aprendizagem, considerando este processo como um bom indicador para uma mudança de mentalidades.

Referências

- Ariés, P. (1975). *História da Morte no Ocidente*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Ariés, P. (1978). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Barros, J. (1998). *Viver a morte - Abordagem antropológica e psicológica*. Coimbra: Almedina.
- Barros, J. (1999). Filosofia da Educação e Educação para a Morte. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 33 (3), 155-164.
- Barros, J. (2000). *Psicologia da Religião*. Coimbra: Almedina.
- Barros, J. (2002). Ansiedade face à morte: Uma abordagem diferencial. *Psychologica*, 31, 161-176.
- Barros, J. & Neto, F. (2004). Validação de um instrumento sobre diversas perspetivas da morte. *Análise Psicológica*, 2 (XXII), 355-367.

- Bowlby, J. (1998). O luto das crianças. *Apego e perda: tristeza e depressão*. S.Paulo: Martins Fontes Editora.
- Bowlby, J. (1993). *Formação e rompimento de laços afetivos*. Trad. de A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes.
- Creswell, J. & Clark, V. (2007). *Designing and Conducting Mixed Methods Research. Approaches*. Lincoln: Sage Publications.
- Feifel, H. (Ed.) (1977). *New meanings of death*. New York: McGraw-Hill.
- Feifel, H. & Nagy, T. (1981). Another look at fear of death. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 49 (2), 278-286.
- Feifel, H. (1982). Death in contemporary America. *Death Education*, 6, 69-174.
- Hennezel, M. (2006). *Morrer de olhos abertos*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Herrán, A., Cortina, M. (2008). *La muerte y su didáctica en educación infantil, primaria y secundaria*. Madrid: Universitas.
- Jodelet, D. (1989). *Les representations sociales. Un domaine en expansion*. Paris: PUF.
- Laureano, M.S. (2011). Testes de hipóteses com o SPSS – *O meu manual de consulta rápida*. Lisboa: Edições Sílabo
- Kastenbaum, R. & Aisenberg, R. (1983). *Psicologia da Morte*. São Paulo: Novos Ubrais.
- Kovács, M.J. (1992). *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M.J. (2002). *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M.J. (2003). *Educação para a Morte: Desafios na Formação de Profissionais de Saúde e Educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kubler-Ross, E. (2005). *Viver até dizer adeus*. São Paulo: Pensamento.
- Mallon, B. (2002). *Ajudar as crianças a ultrapassar as perdas*. Porto: Âmbor
- Neimeyer, R.A (2007). *Meaning reconstruction & the experience of loss*. Washington DC: APA.
- Nóvoa, A. (1992). Para uma Análise das Instituições Escolares. In A.Nóvoa (org) *As Organizações Escolares em Análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote & IIE.
- Oliveira, A. (1999). *O desafio da morte – convite a uma viagem interior*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Savater, F. (1999). *As perguntas da vida*. Lisboa: Editorial Dom Quixote.
- Spilka, B.; Stout, L.; Minton, B. & Sizemore, D. (1977). Death and personal faith: A psychometric investigation. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 16, 169-178
- Torres, W.C. (2002). *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo
- Viorst, J. (2005). *Perdas necessárias*. São Paulo: Melhoramentos.
- Wass, H. (2004). A perspective on the current state of death education: *Death Studies*, 28, 289-308.